

USP abre clínica para tratar déficit de memória

47 **Novo serviço acompanhará pacientes com problemas de esquecimento**

LÍGIA FORMENTI

O Instituto de Psiquiatria da Universidade de São Paulo (USP) inaugurou este mês uma clínica para tratar de um problema que afeta grande número de pessoas: o déficit de memória. O serviço pretende atender pacientes de todas as faixas etárias, desde que os esquecimentos já estejam interferindo no desempenho das atividades cotidianas.

"Vamos fazer acompanhamentos periódicos para ver o desenrolar do distúrbio", afirmou o coordenador da clínica, psiquiatra Cássio Bottino. Alguns pacientes poderão ainda participar de um estudo que será desenvolvido pela equipe para verificar a eficácia de medicamentos na prevenção de doenças que levam à demência.

"Há indícios de que algumas pessoas com déficits importantes de memória possam desenvolver, com o tempo, doenças como mal de Alzheimer", informou. Para os voluntários, serão prescritas drogas, como hormônios e antiinflamatórios. "Vamos verificar o desempenho desses pacientes ao longo do tempo e analisar se os medicamentos realmente podem evitar ou retardar o aparecimento de demências." Pesquisas semelhantes estão sendo realizadas em vários países.

Pânico — A informação de que pessoas com falhas de memória possam apresentar com o decorrer do tempo problemas mais sérios, no entanto, não deve despertar pânico. Todos certamente já passaram por vexames, como esquecer a data de aniversário de parentes, compromissos marcados ou o nome de colegas de trabalho. Essas falhas, garantem especialistas, são corriqueiras e não devem trazer preocupação, desde que ocorram esporadicamente.

"O esquecimento não é um processo passivo", diz o professor associado de Neurologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Ricardo Nitritini. Segundo ele, muitas vezes o próprio cérebro determina a retirada de determinadas informações da memória. "O mecanismo é usado para eliminar dados irrelevantes e substituí-los por informações atualizadas."

Não é de estranhar, portanto, que um advogado esqueça fórmulas matemáticas aprendidas no ginásio. "Para que determinadas informações sejam preservadas, precisam ser sempre solicitadas", disse o professor de Neurologia da Universidade Federal de São Paulo, Alberto Alain Gabbai. É como um músculo: se não for exercitado, atrofia. Mas o exercício permite que ele vá até um determinado limite, que varia de pessoa para pessoa. "Há quem guarde nomes e datas sem nenhum esforço", afirma Gabbai. Outros, apresentam memória visual invejável. Segundo o professor de Neurologia da Faculdade de Medicina do ABC, Jairo Degenszajn, a ciência ainda não conseguiu descobrir a razão dessas diferenças. "Há ainda muito o que ser descoberto", afirma.

As facilidades são inatas, mas há aspectos que influenciam muito a fixação de determinados dados na memória. "Para reter informações, é preciso que a pessoa esteja atenta", explica Gabbai. Os médicos também ressaltam a importância do significado afetivo da informação a ser memorizada: "Tudo o que for importante afetivamente será registrado e dificilmente será depois dispensado pela memória", afirma Degenszajn. "Guardamos tudo o que nos interessa."

Mas há épocas em que a retenção de novas informações pode se tornar difícil. Pessoas com stress, deprimidas ou com muita ansiedade podem enfrentar temporariamente lapsos de memória. "Isso volta ao normal, tão logo o problema inicial seja resolvido", afirma Nitritini. Há também remédios que podem afetar a retenção de novas informações: alguns antidepressivos, calmantes como benzodiazepínicos e álcool dificultam a fixação de novos dados na memória. "É o que ocorre com pessoas alcoolizadas: há fatos da noite da bebedeira que elas simplesmente não registram", diz Gabbai.

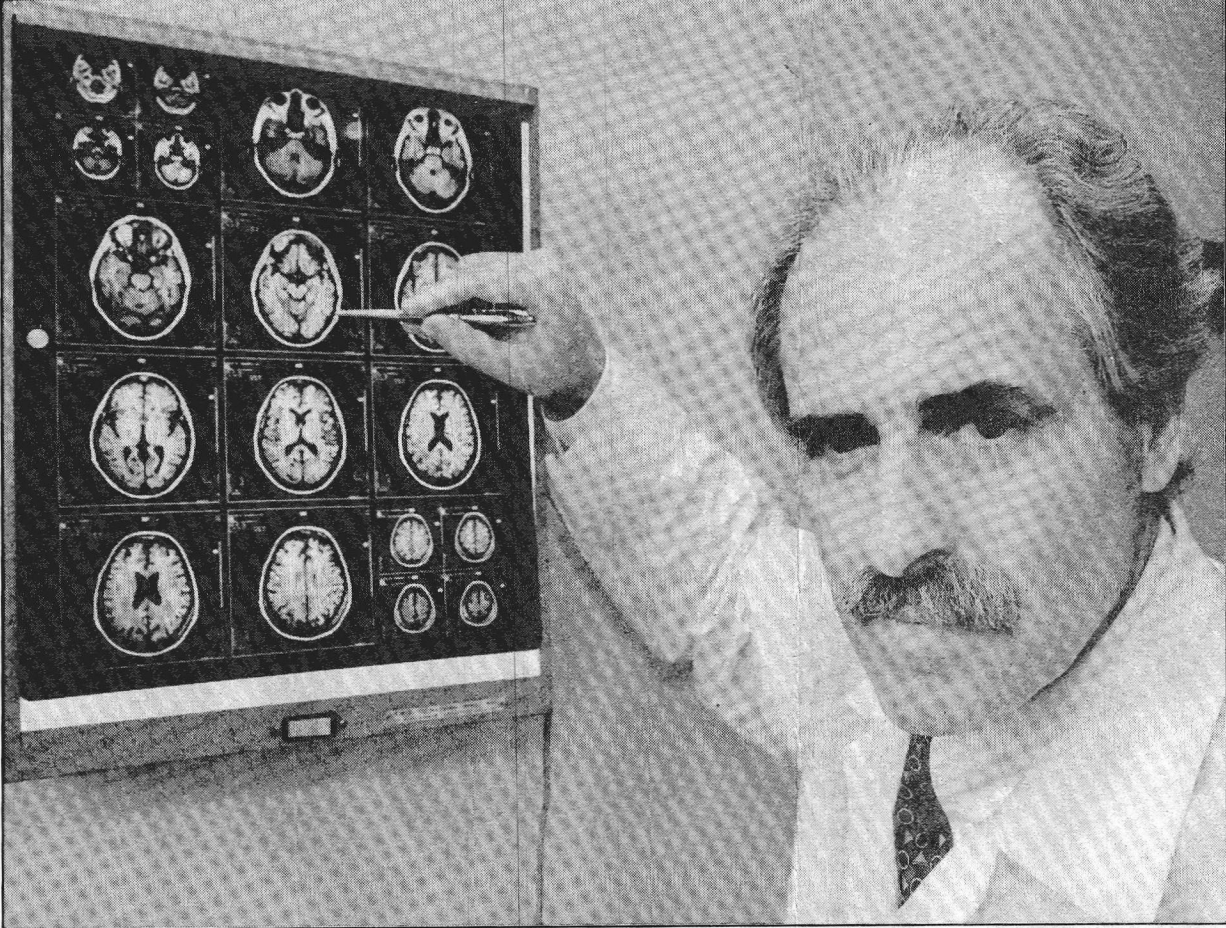
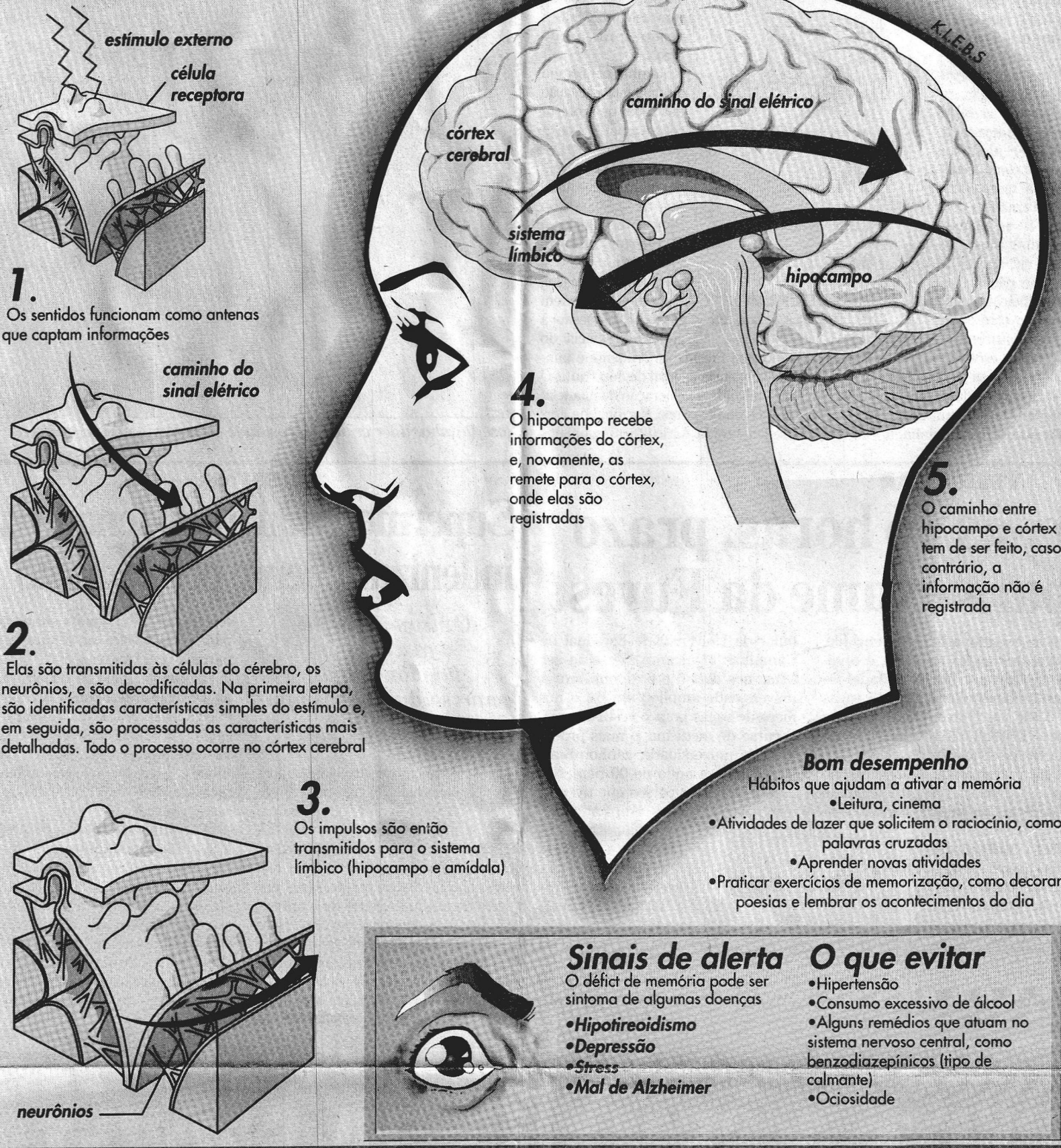
■ **Clínica de Memória: tels: 852-9110 e 3067-6277**

O consultor da seção de Saúde do "Estado" é o cardiologista Wagner Ibraim, do Instituto do Coração

ARQUIVO EM DIA

Imprescindível para o desempenho de todas as atividades, a memória tem de ser exercitada sempre. Veja como funciona e conheça algumas maneiras de ajudá-la

Passo a passo



Nitritini: "Não há nada de errado em não guardar um telefone; é impossível deixar tudo na memória"

Capacidade de reter informação não deve ser confundida com inteligência

A memória não deve ser confundida com inteligência. "Há pessoas com limitações intelectuais que apresentam uma capacidade invejável de reter informações", afirma o neurologista Jairo Degenszajn. Sem a memória, no entanto, não seria possível o aprendizado e o desempenho de atividades simples, como andar. "Até amebas possuem a capacidade de reter informações", lembra seu colega Alain Gabbai.

Degenszajn recomenda exercícios constantes para manter a memória sempre em bom funcionamento. "Quanto mais a pessoa estudar, dedicar-se a novas atividades, melhores serão as condições para reter as informações." Com o passar dos anos, no entanto, essa capacidade pode diminuir. "É o esquecimento senil benigno, que se caracteriza pela

dificuldade para lembrar parte da informação", diz Nitritini. O idoso pode esquecer a data de um fato, por exemplo, mas se lembra de detalhes do que ocorreu. Isso não impede que, depois, em outra situação, ele se lembre da data esquecida. "Essas dificuldades são comuns e refletem, provavelmente, redução da estabilidade das modificações sinápticas que haviam ocorrido durante a fixação e consolidação do episódio", explica Nitritini.

Além de manter a memória sempre em atividade, Degenszajn faz outra recomendação: é importante fazer associações mais complexas pa-

ra reter uma informação. Ele dá um exemplo: "É mais difícil lembrar da maçã quando se associa apenas a uma outra palavra com som parecido, como anã." Segundo ele, o ideal é pensar que a maçã é uma fruta, vermelha, carnuda, que dá em árvores, etc. "Fica mais fácil a fixação e consolidação." Para quem começa a ter dificuldades para guardar números ou compromissos, Nitritini dá um conselho: cercar-se da agendas e lembretes. "Não há nada de errado em não guardar um telefone; hoje em dia, as informações são tantas que é impossível deixar tudo intacto na memória."

ESTUDAR AJUDA A MANTER MEMÓRIA

Lesões no córtex podem afetar um tipo de lembrança

Traumatismo, stress e depressão são causas mais comuns de perda de memória

O professor Jairo Degenszajn afirma que a memória não pode ser atribuída a uma célula ou a uma substância química. "É um processo que envolve várias estruturas", explica. Segundo ele, não há, como se acredita, um arquivo onde estejam armazenadas todas as fichas com informações obtidas durante a vida. O professor Ricardo Nitritini observa, porém, que há indícios de que as informações mais duradouras estejam fixadas no córtex cerebral. "Lesões relativamente pequenas no córtex cerebral podem comprometer o componente visual de uma lembrança, por exemplo, sem afetar os demais."

O déficit de memória pode ocorrer por diversas razões. "Traumatismos, stress e depressão são as causas mais comuns da perda de memória entre jovens", afirma o professor Alain Gabbai. "Nas pessoas mais velhas, o problema pode ser sintoma de doenças, como Alzheimer ou microderrames cerebrais." O médico cita ainda outras causas: hipotireoidismo e alcoolismo. Esse último provoca a síndrome de Korsakoff. "Alcoolátras podem ter falta grave de vitamina B, que provoca lesão nos neurônios", diz. O processo provoca a incapacidade de registrar novas informações. "O doente pode esquecer tudo o que aprendeu no dia anterior", explica.

As demências — caracterizadas pela perda da memória e de outra capacidade cognitiva — não têm tratamento. "Há estudos que estão verificando a eficácia de vitaminas, hormônios e antiinflamatórios", afirma Nitritini. "Mas ainda não há nada conclusivo." A equipe do Hospital das Clínicas vai engrossar essa corrente de pesquisas. "Vamos explicar aos pacientes voluntários tudo o que pode ocorrer com o uso desses medicamentos", afirma o psiquiatra Cássio Bottino. "Não podemos garantir que a terapia terá eficácia; mas temos de tentar enfrentar o problema."